

**A GRAMATICALIZAÇÃO  
NO PROCESSO DE RECOMPOSIÇÃO:  
OS AFIXOIDES *ECO-* E *HOMO-***

*Patrícia Affonso de Oliveira* (NEMP/UFRJ)  
[patiaffonso@yahoo.com.br](mailto:patiaffonso@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Os elementos morfológicos *eco-* e *homo-* são oriundos do grego e significam, respectivamente, “casa, habitat” e “semelhante, igual a” (CUNHA, 2010; HOUAISS, 2009). Atualmente, os formativos *eco-* e *homo-* vêm sendo amplamente utilizados para formar novas palavras, mas não mais com o significado que encontramos no dicionário etimológico: *eco-* aparece associado aos significados de “ecológico” e “reciclagem”, típicos de palavras como “ecologia” e “ecológico”, e *homo-*, ao significado de “gay”, numa clara referência à palavra “homossexual”. Esses elementos morfológicos carecem de descrição minuciosa e apropriada, já que os poucos trabalhos que descrevem muito brevemente *eco-* e *homo-* se limitam a falar sobre sua etimologia e/ou a classificá-lo ora como radical (BECHARA, 2004), ora como afixoide (OLIVEIRA & GONÇALVES, 2011), ora como pseudoprefixo (CUNHA & CINTRA, 2001). A falta de consenso entre os estudiosos sobre a que categoria pertencem esses elementos se dá justamente pelo fato de *eco-* e *homo-* apresentarem características tanto de radical quanto de afixo. Usamos a morfologia construcional de Booij (2005, 2010) para fazer a análise dos formativos *eco-* e *homo-* e também para averiguar o posicionamento dos nossos formativos ao longo do *continuum* derivação-composição proposto por Kastovsky (2009) e Gonçalves (2011a). Para essa última questão, serão utilizados, como parâmetros, os critérios empíricos apresentados em Gonçalves (2011a) e em Gonçalves & Andrade (2012).

**Palavras-chave:**

Afixoide. Recomposição. Formativo. Formação de palavras. Pseudoprefixo.

**1. Palavras iniciais**

Neste trabalho, temos o objetivo de fazer uma análise do processo de recomposição, mais especificamente dos afixoides *eco-* e *homo-* dentro do processo de gramaticalização, utilizando como base teórica alguns

autores como Neves (1997), Gonçalves *et alii* (2007) e Ferreira (2008). O que buscamos, neste artigo, não é tratar da gramaticalização como fenômeno ou processo, mas observar os estágios da mudança com o intuito de verificar se os afixoides *eco-* e *homo-* estão passando por algum dos estágios de gramaticalização.

Os formativos *eco-* e *homo-* são oriundos do grego e significam, respectivamente, “casa, *habitat*” e “semelhante, igual a” (CUNHA, 2010; HOUAISS, 2009). Em grego, *eco-* era um substantivo masculino que funcionava como palavra e contribuía para a formação de compostos nessa língua (CUNHA, 2010). A base *homo-*, por sua vez, é vista como um elemento de composição que se documenta em compostos formados no próprio grego (CUNHA, 2010).

Atualmente, esses radicais neoclássicos são denominados afixoides, já que exibem características tanto de radicais como de afixos, o que corrobora a proposta de *continuum* morfológico entre os dois principais processos de formação de palavras, a composição e a derivação, tal como proposto por Kastovsky (2009) e Gonçalves (2011 a, b).

Os afixoides *homo-* e *eco-* vêm sendo amplamente utilizados para formar séries de novas palavras na língua, mas não mais com o sentido que encontramos nos dicionários etimológicos: *eco-* aparece associado aos significados de “ecológico” e “reciclagem”, típicos de palavras como “ecologia” e “ecológico”, e *homo-*, ao significado de “gay”, em uma clara referência à palavra “homossexual”, adquirindo, assim, um conteúdo mais especializado e distinto, portanto, do seu significado etimológico. Oliveira & Gonçalves (2011, p. 180) afirmam que “esses formativos adquirem o significado de todo o composto de onde se desprenderam e se juntam a outras bases, formando novas palavras no atual estágio da língua”.

Os dados que compõem o *corpus* utilizado na pesquisa foram coletados no site de busca *Google*, no site *todasaspalavras.com*, no *dicionarioinformal.com* e no Dicionário eletrônico Houaiss (2009), em sites de relacionamento como *facebook* e ainda em cartazes, em propagandas e em jornais de grande circulação como *O Globo*. São, ao todo, 262 dados. Vale ressaltar que este trabalho constitui análise preliminar do assunto e, portanto, não pretende esgotar a questão.

O artigo é estruturado da seguinte forma: em primeiro lugar, definiremos o que chamamos aqui de processo de recomposição, utilizando, como base, estudiosos do assunto como Oliveira & Gonçalves (2011),

Gonçalves (2011 a e b) e também gramáticos como Cunha & Cintra (2001). Em segundo, abordaremos a teoria da gramaticalização segundo os autores Neves (1997), Gonçalves *et alii* (2007) e Ferreira (2008). Logo após, faremos uma análise do processo de recomposição à luz do processo de gramaticalização e, por último, concluiremos este artigo tecendo algumas considerações.

## 2. O processo de recomposição

Atualmente, os formativos *eco* e *homo-* vêm sendo amplamente utilizados para formar novas palavras, mas não mais com o significado que encontramos no dicionário etimológico (CUNHA, 2010, HOUAISS, 2009); *eco-* aparece associado ao sentido de “verde” ou “reciclagem”, típico de palavras “ecologia” e “ecológico”, e *homo-*, com o significado de “gay”, em uma clara referência à palavra “homossexual”. Desse modo, adquirem um sentido mais especializado, distinto daquele que era oriundo do grego. Esses formativos adquirem o significado de todo o composto e se juntam a outras bases, formando novas palavras. A esse processo, damos o nome de recomposição.

A recomposição é o processo pelo qual há um encurtamento de uma palavra, outrora composta, em um radical que adquire o significado de todo o composto. Esse radical se junta a uma forma livre da língua, formando uma nova palavra. Devemos entender que o radical encurtado não preserva o sentido etimológico da forma de onde se desprende. Na verdade, a forma encurtada adquire o significado de todo o composto e tem características peculiares: alguns se comportam como prefixos, por não funcionarem sozinhas, sendo unidade efetivamente presas; este parece ser o caso de *eco-*. No entanto, há outras formas que não se parecem com prefixos, já que são unidades lexicais autônomas na língua, que funcionam como verdadeiros radicais, ou melhor, funcionam como palavras na língua, como é o caso de *homo-*. Acreditamos, então, que, no processo de recomposição, funcionam como formativos dois tipos diferentes de elementos morfológicos: (a) os que são presos, comportando-se como prefixos e (b) os que são livres e se assemelham mais a radicais.

Cunha & Cintra (2001) fazem uma análise das diferenças entre radicais neoclássicos e pseudoprefixos, afirmando que esses têm um comportamento diferente dos radicais neoclássicos, pois, apesar de adquirirem sentido especial nas línguas modernas, ainda se empregam com o valor originário em numerosos compostos. Para os autores, os radicais

que adquiriram sentido especial assumem o sentido global dos vocábulos de que antes eram constituintes. Estes se distinguem dos radicais neoclássicos por apresentarem deriva semântica, o “que se evidencia quando processada a “decomposição”: os elementos ingressam em outras formações com sentido diverso do etimológico” (OLIVEIRA & GONÇALVES, 2011). Os gramáticos acreditam que a deriva semântica desses elementos decorre de um processo denominado recomposição por André Martinet, já que não se identificam com o processo de composição, tampouco com o de derivação.

Gonçalves descreve o fenômeno da recomposição como o “mecanismo pelo qual se cria um composto a partir do truncamento de outro” e que a “recomposição é um processo em que a parte truncada adquire o significado de todo o composto da base de onde se desprende” (GONÇALVES, 2011a, p. 68-69). Para o autor, nas novas formações, entretanto, a base, em uma espécie de metonímia formal, remete à aceção do composto que lhe deu origem, afastando-se, com isso, de seu significado original (*op. cit.*). O autor acredita que os itens formados pelo processo de recomposição não constituem casos prototípicos de composição nem de derivação, pois afirma que os itens recompostos passaram por um processo de mudança morfossemântica e que o processo de recomposição é um tipo de operação difusa, já que exhibe tanto características da composição quanto da derivação. Por esse motivo, acredita que a recomposição está nos limites entre a derivação e a composição, ou seja, é um dos processos morfológicos que transitam no *continuum* morfológico que propõe autor com base em Bauer (2005), Kastovsky (2009), Ten Hacken (1994), entre outros.

Gonçalves, em outro artigo, mostra que no processo de recomposição, “parte de uma palavra complexa é encurtada e adquire novo significado especializado ao se adjungir sistematicamente a formas com livrecurso na língua” (GONÇALVES, 2011b, p. 15). O autor acredita que o comportamento multifuncional dos compostos neoclássicos dificulta sua classificação em uma categoria própria. Para o autor, os elementos de primeira posição, como *eco-*, *homo-*, *auto-*, *moto-*, *foto*, *aero*, e *agro-*, entre tantos outros, quando aparecem combinados com palavras, são casos de recomposição.

Oliveira & Gonçalves (2011, p. 180) estabelecem a seguinte definição para o processo de recomposição:

A recomposição é o processo pelo qual há o encurtamento de uma palavra, outrora um composto neoclássico, em que o arqueoconstituente, nos ter-

mos de Corbin (2000), adquire o significado do composto erudito com alta relevância cultural. Esse radical se junta a uma forma livre da língua, formando nova palavra, agora menos formal por evocação a uma palavra tomada como modelo. Devemos entender que o radical encurtado não preserva o sentido etimológico da forma-gatilho de onde se despreendeu.

Os autores explicam que a forma encurtada é uma metonímia do composto e que o processo de recomposição utiliza como formativos dois tipos de radicais: aqueles que são presos e se comportam como prefixos, como é o caso de *eco-*, *auto*, *tele-*, *bio-*, entre outros, e aqueles que, pelo processo de clipping, funcionam como radicais livres, ou seja, são unidades lexicais autônomas, que têm estatuto de palavra na língua, como é o caso de *homo- foto- e moto-*. Para os autores, o formativo *homo-* difere um pouco de *eco-* no que diz respeito ao seu estatuto morfológico. Ambos são usados no processo de recomposição, mas, diferentemente de *eco-*, mais semelhante a um prefixo, *homo-* parece equivaler a um radical, pois pode ser usado como palavra na língua, do mesmo modo que *moto-*: “Hoje, meu primo, aquele que é homo, me dará uma carona de moto até em casa”. Nesse exemplo, *homo-* e *moto-* funcionam como palavras, ou seja, são formas com estatuto nominal, admitindo, inclusive, flexão de número: “A justiça está fazendo valer os direitos dos homos”. (OLIVEIRA & GONÇALVES, 2011, p. 11). Temos como exemplo de *homo-*, os formativos *homoatleta* que se refere ao “atleta que é gay” e “homoviolaência” que se refere à violência praticada contra “gays”.

Os autores afirmam que o formativo *eco-*, hoje, comporta-se mais como um prefixo, pois se adjunge a formas de livre curso na língua, formando novas palavras em série – não mais com o sentido etimológico do formativo (*casa*, *habitat*), mas com um novo significado, que se originou dos compostos “ecologia/ecológico”: “natureza” ou “reciclagem”. Assim, formas como “ecoatitude” (atitude ecológica) e “ecopicareta” (“pessoa desonesta que desvia verbas públicas destinadas ao tratamento de questões ambientais”) são exemplos utilizados para mostrar formas recompostas. Ademais, os autores acreditam que *eco-* se assemelha a um prefixo por que “(a) não altera a classe das palavras a que se liga, (b) é bastante produtivo nos dias de hoje, e, além disso, (c) é uma forma, que, sozinha, não funciona como palavra e (d) fixou-se na margem esquerda nas estruturas morfológicas do português.” (*op. cit.*, p. 182). Também acrescentam que, nas estruturas recompostas em *eco-*, o padrão relacionado à posição da cabeça lexical é DT-DM, já que “*eco-* funciona como determinante do termo recomposto: em “ecoterrorista”, *eco-* é modificador do

nome “terrorista”, que designa “pessoa que faz terrorismo sobre as questões ambientais”. (*op. cit.*, p. 182).

### 3. O processo de gramaticalização: algumas definições

O primeiro autor que teve a preocupação de definir o processo de gramaticalização foi Meillet que, em 1912, definiu a gramaticalização como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (*apud* NEVES, 1997). Meillet afirmou que em todos os casos em que se podia conhecer a fonte primeira de uma determinada forma gramatical, sua fonte era uma palavra lexical; o autor observou, ainda, que a transição de palavra-lexical para palavra-gramatical se dá por meio de um *continuum*. Givón (*apud* NEVES, 1997) lança o *slogan* “A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” e mostra nas línguas africanas que as formas que outrora eram verbais, hoje, são radicais com afixos que remontam a arranjos de pronomes com verbos independentes.

Hopper & Traugott (*apud* NEVES, 1997) definem a gramaticalização como o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Os autores indicam duas perspectivas de estudo da gramaticalização: a histórica, que estuda as origens das formas gramaticais, bem como as mudanças típicas que as afetam; e a perspectiva sincrônica, que estuda o fenômeno em questão, do ponto de vista de padrões fluidos de uso linguístico. Para Hopper (*apud* NEVES, 1997) todas as partes da gramática estão sempre sofrendo mudanças, e por esta razão, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na gramaticalização e que, os casos de itens lexicais que tomam função gramatical são considerados como os casos prototípicos de gramaticalização. (*apud* NEVES, 1997, p. 121)

Heine *et alii* (*apud* NEVES, 1997) abrigam sob o termo gramaticalização tanto o percurso de um morfema do estatuto lexical para o gramatical, como o percurso do estatuto menos gramatical para o mais gramatical. Para os autores, a gramaticalização abriga não somente a evolução de um morfema lexical que passa a morfema gramatical, como também a aquisição de novas propriedades por um elemento já gramatical. Os autores defendem que é impraticável uma separação rígida entre a diacronia e a sincronia, já que uma não pode ser entendida independen-

temente da outra, ou seja, a gramaticalização é fenômeno diacrônico e sincrônico ao mesmo tempo. (*apud* NEVES, 1997).

Neves (1997, p. 115) afirma que o termo gramaticalização “se refere à parte da teoria da linguagem que tem por objeto a interdependência entre “*langue*” e “*parole*”, entre o categorial e o menos categorial, entre o fixo e o menos fixo na língua” Para a autora, “o estudo da gramaticalização põe em evidência a tensão entre a expressão lexical (livre de restrições) e a codificação morfossintática, mais sujeita a restrições, salientando a indeterminação relativa da língua e o caráter não discreto de suas categorias” (*op. cit.*, p. 116). Ao tratar da questão diacronia *versus* sincronia, a autora demonstra que esta se liga à questão “caráter gradual” *versus* “caráter instantâneo” da gramaticalização e continua explicando que

Se considerarmos do ponto de vista histórico, o processo é gradual: o que ocorre é que, embora se possa encontrar, num determinado momento, uma estrutura substituindo completamente outra, por um considerável período de tempo coexistem a forma nova e a velha, que entram em variação, sobre diversas condições; e essa variação encontrada nada mais é do que o reflexo do caráter gradual da mudança linguística. Heine & Reh (1984) afirmam que a gramaticalização é um continuum evolutivo e que qualquer tentativa de segmentação de unidades discretas é arbitrária” (*op. cit.*, p. 118-119).

A autora reitera que podemos dar a um item que outrora era primitivamente lexical um uso gramatical e um novo contexto, e no momento mesmo em que, em um determinado esquema, um item lexical é usado como gramatical, ele se gramaticaliza.

Segundo Gonçalves *et alii* (2007), a gramaticalização é considerada *paradigma* se for observada em um estudo que privilegie a maneira como as formas gramaticais e construções surgem e como são usadas; é considerada *processo* se privilegiar a identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais, ou seja, tudo vai depender de como estudamos a língua. Os autores acrescentam que o processo de gramaticalização pode ser observado de três perspectivas: a diacrônica, sincrônica ou pan-crônica. Para os autores, a gramaticalização se instaura quando uma unidade linguística começa a adquirir propriedades de formas gramaticais ou quando a unidade linguística que já possui estatuto gramatical tem sua gramaticalidade ampliada. Os autores explicam que o que ocorre no processo de gramaticalização é que, conforme as propriedades de uma unidade linguística se alteram, esta se torna membro de novas categorias, em razão de uma reanálise categorial, o que permite enquadrar uma mesma forma em categorias diversas. Os autores nos mostram, resumidamente, em uma escala evolutiva, como estão os estudos de gramaticalização:

- a) Existe a versão de Meillet, que concebe a gramaticalização como a passagem do [lexical] > [gramatical];
- b) A oferecida por Kurilowicz, que adiciona ao *continuum* de Meillet a passagem do [- gramatical] > [+ gramatical];
- c) E as versões dos estudos atuais: [qualquer material linguístico] > [+ gramatical].

Os autores, citando Hopper & Traugott, afirmam que a gramaticalização é sempre concebida como processo que pode esgotar todo o percurso de mudança de um item, ou pode se interromper em um ponto qualquer dessa escala de mudança. Além disso, estabelecem que, como processo, as mudanças sempre se implementam de maneira gradual, em uma escala unidirecional e contínua de aumento de gramaticalidade e abstratização.

### **3.1. Estágios da mudança e características da gramaticalização**

Gonçalves *et alii* (2007) mostram que a mudança que ocorre no processo de gramaticalização não ocorre de uma hora para outra, ou seja, no processo, há estágios pelos quais os itens linguísticos passam para que se tornem gramaticalizados. Esses estágios são os que caracterizam a mudança do [lexical] > [gramatical] ou [- gramatical] > [+ gramatical]. Os autores afirmam que estas etapas foram propostas por Lehmann (1982), que apresenta três fases ou estágios da mudança: *sintatização*, *morfologização* e *desmorfemização*. A sintatização ocorre quando um item, que é recorrente no discurso, começa a adquirir propriedades que o deslocam de sua classe categorial de origem. A morfologização é o processo por meio do qual surgem na língua às chamadas formas presas, como os afixos flexionais ou derivacionais. A desmorfemização é a fase que pode levar um morfema a desaparecer por completo, sendo a sua função assumida por outros itens com os quais ele coocorrem.

### **3.2. Princípios, mecanismos e critérios da gramaticalização**

Ferreira (2008, p. 66) afirma que “na atual literatura a respeito da gramaticalização, não há uma distinção clara dos processos, princípios, mecanismos e critérios (ou parâmetros) que identificam formas já gramaticalizadas ou em processo de gramaticalização”. Concordamos com a autora, pois, na maioria das vezes, não sabemos distinguir exatamente o

que os autores, que estudam a gramaticalização, definem como princípios, mecanismos e/ou critérios. Vamos, então, enumerar os princípios considerados mais importantes.

### 3.2.1. *Parâmetros e princípios da gramaticalização*

Nesta seção, fazemos uma pequena revisão da literatura a respeito dos princípios e parâmetros que norteiam o processo de gramaticalização, que são os parâmetros de Lehmann, princípios de Hopper e os quatro princípios de Castilho. Os parâmetros de Lehmann, geralmente, são usados para denotar o processo de gramaticalização em um estágio muito avançado. Heine elenca quatro mecanismos que, juntos, são os responsáveis pela gramaticalização. Os princípios de Hopper são usados para estudos em que o processo de gramaticalização é ainda inicial ou em curso, e esse parece ser o nosso caso.

Lehmann (*apud* GONÇALVES, 2007, p. 70) define a gramaticalização como um processo que transforma lexemas em formativos gramaticais e formativos gramaticais em mais gramaticais ainda. Lehmann propõe três aspectos que medem a autonomia de um signo, que são *peso*, *coesão* e *variabilidade*, e que, juntos, verificam o grau de autonomia ou não-autonomia de um signo, o que acaba medindo também o seu grau de gramaticalidade. Lehmann propõe cinco princípios:

- a) **paradigmatização**: tendência das formas gramaticais de se organizarem em um paradigma.
- b) **Obrigatoriedade**: tendência de formas opcionais a se tornarem obrigatórias.
- c) **Condensação**: encurtamento das formas.
- d) **Coalescência**: justaposição do item independente, ou seja, colapso conjunto de formas adjacentes.
- e) **Fixação**: ordem linear livre, que se torna fixa.

Os três aspectos criados por Lehmann captam a natureza gradual da gramaticalização, levando em conta o item em estágio avançado, o que se torna problemática quando se trata de um processo de gramaticalização em curso; é o que parece ocorrer com o fenômeno que analisamos mais adiante: a recomposição se trata de um fenômeno no qual o processo de gramaticalização é inicial, ou seja, está em curso. Logo, não pode-

mos utilizar os parâmetros de Lehmann, sendo mais relevante utilizarmos os princípios de Hopper, pois estes denotam a gramaticalização em curso.

Hopper (*apud* GONÇALVES, 2007, p. 79) afirma que a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções, valores e usos para formas já existentes. Com isso, nesse processo de emergência, é possível reconhecer graus variados de gramaticalização que uma nova forma vem a assumir nas novas funções que passa a executar, sendo necessário, então, identificar os primeiros estágios do processo de mudança. Assim, os princípios em questão identificam o processo em seu estado incipiente, ou seja, em seu estágio inicial. Hopper propõe cinco princípios que, segundo o autor, atuam nos estágios iniciais de gramaticalização. Afirma que estes princípios respondem à questão do “mais” ou “menos” gramaticalizado, e não do “dentro” e “fora” da gramática, ou seja, os princípios não pretendem verificar se os elementos analisados pertencem ou não à gramática, mais que isso: eles não discriminam entre os processos de mudança os que resultam em gramaticalização e os que não resultam. O autor admite que os limites entre fenômenos lexicais e gramaticais são muito difusos. Ao apresentar seus princípios, Hopper afirma que seu objetivo é suplementar a caracterização proposta por Lehmann (1985), na qual se indicam alguns processos que caracterizam a gramaticalização. Segundo Hopper, a caracterização proposta por Lehmann só dá conta da gramaticalização que se encontra em um estágio bastante avançado e que já é reconhecido. Os cinco princípios de gramaticalização discutidos por Hopper são: *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *descategorização*. Vamos a eles (*apud* GONÇALVES: 2007, p. 79):

- a) **Estratificação (*layering*):** segundo esse princípio, em um domínio funcional amplo, novas “camadas” estão sempre emergindo e coexistindo com as antigas. A estratificação não surge com o intuito de eliminar as formas antigas e substituí-las pelas novas formas, mas surge justamente para acumular em um mesmo domínio funcional, as formas sutilmente diferenciadas, ou seja, formas novas e antigas coexistem. Esse princípio nos mostra a utilização de uma forma que desempenha mais de uma função.
- b) **Divergência:** esse princípio se superpõe ligeiramente ao anterior, isto é, a divergência é um tipo especial de camada. Esse princípio dita que a unidade lexical que dá origem ao processo de gramaticalização pode manter suas propriedades originais, preservando-se como item au-

tônomo, e, assim, estar sujeita a quaisquer mudanças inerentes a sua classe, inclusive sofrer uma nova gramaticalização. A estratificação remete às diferentes codificações de uma mesma função, enquanto a divergência remete aos diferentes graus de gramaticalização de um mesmo item lexical e é aplicável aos casos em que um mesmo item lexical autônomo se gramaticaliza em um contexto, deixando de fazê-lo em outros. Esse princípio explica a existência de formas etimologicamente iguais, porém funcionalmente divergentes. Segundo Naro & Braga (2000), a divergência começa através de uma reanálise estrutural da construção original e que, em um primeiro momento, estas duas estruturas devem ter tido o mesmo sentido, senão a reanálise não poderia ter acontecido.

- c) **Especialização:** este princípio tem relação direta com a questão do estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, isto é, relaciona-se com o número menor de opções para se codificar determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço, porque é a gramaticalizada. Uma das consequências da especialização é o aumento da frequência de uso da forma mais adiantada no processo de gramaticalização, o que leva ao que Lehmann denomina princípio da obrigatoriedade de uso ao final do processo de gramaticalização.
- d) **Persistência:** este é o princípio que prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada, o que pode ocasionar restrições sintáticas para esse novo uso. Em outras palavras, é quando uma forma passa de uma categoria lexical a uma categoria funcional e alguns dos traços do seu sentido lexical original persistem.
- e) **Descategorização:** esse princípio remete à perda dos marcadores opcionais de categorialidade e autonomia discursiva. Isso significa dizer que a forma em gramaticalização tende a perder ou a neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos que caracterizam as formas plenas como nomes e verbos, assumindo atributos das categorias secundárias, mais gramaticalizadas, (como os advérbios, pronomes, preposições, clíticos, afixos) podendo, em alguns casos, chegar a zero.

Castilho (*apud* FERREIRA, 2008, p. 74) aponta quatro princípios que, segundo o autor, podem dar conta dos estágios de gramaticalização:

- a) **Analogia:** tem relação com a atração de formas preexistentes por outra construção também já existente no sistema e envolve inovações ao longo do eixo paradigmático. Esse princípio leva à criação de formas não explicáveis se tomadas no eixo sintagmático. Logo, a analogia não cria estruturas novas; ela estende regras a itens ainda não atingidos, uniformizando as formas da língua.
- b) **Reanálise:** é o processo por meio do qual os falantes mudam sua percepção em relação à forma como os constituintes da língua estão ordenados no eixo sintagmático. Esse processo permite a criação de novas formas gramaticais, à medida que, gradualmente, alteram-se as fronteiras dos constituintes da expressão, levando a forma a ser analisada como uma categoria diferente da original. A reanálise é o desenvolvimento de novas estruturas a partir de estruturas antigas.
- c) **Continuidade e gradualismo:** é inovação das estruturas das línguas, uma vez que, dado o caráter cíclico da gramaticalização, a variação é uma consequência do gradualismo da mudança linguística, sendo, ao mesmo tempo, ponto de partida e ponto de chegada da mudança linguística.
- d) **Unidirecionalidade:** a gramaticalização seria um processo unidirecional, quer dizer, irreversível e que só pode se desenvolver da direita para a esquerda. Não discutiremos a questão da unidirecionalidade do processo de gramaticalização, uma vez que o próprio autor já reviu esta questão na sua mais nova obra intitulada *Nova Gramática do Português Brasileiro*. Nesta obra, o autor declara que não temos mais uma *unidirecionalidade*, mas sim uma *multidirecionalidade*, pois a língua é regida por *multissistemas*.

### 3.2.2. A semântica na gramaticalização: metáfora e metonímia

Muitos linguistas argumentam que a mudança semântica que acontece no processo de gramaticalização é motivada por processos como a metáfora e a metonímia. Nesse sentido, a metáfora envolve a abstratização dos significados, isto é, os significados dos domínios lexicais e menos gramaticais são estendidos metaforicamente para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais. A abstratização, nas palavras de Gonçalves *et alii* (2007), pode ser entendida como a forma como nós, seres humanos, compreendemos e conceituamos o mundo que nos cerca. Assim, reconhecemos que os conceitos-fonte são os que se re-

ferem a objetos concretos, processos e locações, haja vista que estes refletem nossas experiências humanas mais básicas. É corrente nos estudos sobre gramaticalização a afirmação de que o processo envolve abstratização, já que o significado não-gramatical pode ser descrito como mais concreto do que o significado gramatical.

Heine *et alii* (*apud* NEVES, 1997) apontam, como básico na gramaticalização, o princípio de Werner e Kaplan (*apud* NEVES, 1997, p. 132), denominado “princípio da exploração de velhos meios para novas funções”: “conceitos concretos são empregados para entender, explicar ou descrever fenômenos menos concretos e entidades claramente delineadas, claramente estruturadas: experiências não físicas são entendidas em termos de experiências físicas; tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo, relações em termos de relações espaciais etc.”, ou seja, podemos dizer, com base nesse princípio, que conceitos concretos são usados para o entendimento, explanação e explicação de conceitos e fenômenos menos concretos. Neves (1997, p. 133) afirma que “é nesse sentido que a gramaticalização é um processo de base metafórica, já que sua função primária é a conceptualização obtida na expressão de uma coisa por outra e, além disso, a maior parte de conceitos que entram nos processos de gramaticalização se refere a objetos concretos, a processos ou a locações”. A autora explica que o que ocorre é que, tendo a necessidade de especificar uma nova relação ou fortalecer uma que já existe, mas está enfraquecida, o falante, na intenção de ser claro, usa o termo mais concreto possível. (TRAUGOTT, 1980, *apud* NEVES)

Neves (1997), ao se referir à questão da mudança semântica, afirma que uma outra forma de olhar para o processo, ainda segundo Heine *et alii*, é tentar caracterizar e focalizar a transição da forma fonte para a forma de chegada com base na distinção lógica entre *intensão* e *extensão*: na gramaticalização, o conteúdo intensional do conceito é reduzido, enquanto a extensão é ampliada, o que vale dizer que, comparada com a estrutura de chegada, a estrutura fonte tem menor intensão e maior extensão. (HEINE *et alii*, *apud* NEVES, 1997, p. 130)

Para Lakoff & Johnson (*apud* GONÇALVES *et alii*, 2007), a metonímia tem uma função referencial que permite usar uma entidade em substituição a outra. Assim, a metonímia pode ser exemplificada principalmente através da substituição “da parte pelo todo”. Segundo os autores, a metonímia pode desencadear uma reanálise estrutural e é vista como uma categoria de extensão de significados. Segundo Gonçalves *et alii*, (*op. cit.*) a mudança de significado por associação metonímica resul-

ta de um raciocínio abduutivo: o falante observa determinado resultado no discurso, invoca uma lei e infere que, em um momento posterior, pode ser aplicada essa mesma lei. Acreditamos que é o que esta ocorrendo com *eco-* e *homo-*: o falante associou metonimicamente que *homo-* tem o significado do composto neoclássico “homossexual” e que *eco-* associa o significado do composto “ecologia” e usa estes afixoides com referência a todo o composto, criando novas palavras em um momento posterior.

#### **4. A Gramaticalização no processo de recomposição**

Nesta seção, faremos uma análise preliminar dos afixoides *eco-* e *homo-* e utilizaremos alguns dos mecanismos e princípios que evidenciam a gramaticalização destes afixoides. A gramaticalização implica alterações morfológicas (mudança de classe de palavras), semânticas (alteração de sentido) e sintáticas (mudança de contextos e funções nas relações entre palavras). Os afixoides em questão estão passando por mudanças morfossemânticas. Para fazer a análise, utilizaremos alguns dos princípios de Hopper, já que a gramaticalização do fenômeno em questão ainda é incipiente.

Neves (1997, p. 129) afirma que “o processo de regularização gramatical que caracteriza a gramaticalização é mais facilmente encontrada na morfologia, pois, como diz Craig (1991) “a gramaticalização é o processo evolutivo pelo qual surgem morfemas gramaticais”. É o que veremos aqui, pois os afixoides estudados surgiram como morfemas gramaticais por uma necessidade semântico-pragmática.

A mudança semântica se evidencia na substituição do significado etimológico por um que é atualmente relevante discursivo-pragmaticamente: é o que vem ocorrendo com *eco-* e *homo-*, retirados das formas gatilhos “ecologia” e “homossexual” respectivamente. Estes compostos começaram a ter grande relevância cultural nas duas últimas décadas e segundo Oliveira & Gonçalves (2011, p. 182):

A ecologia só ficou popular em 1967, quando o petroleiro Torrey Cânion sofreu um acidente na França e causou um grande problema ambiental. Foi em função desse evento que a BBC publicou que o governo da Inglaterra desenvolveria um plano “para investir em recursos alternativos para geração de energia em países em desenvolvimento com dinheiro coletado cada vez que um ministro ou servidor público civil britânico viaja de avião a trabalho”. Dada a alta relevância das questões ambientais nos últimos tempos, *eco-* passa a designar “ecológico” nas novas formações, numa clara alusão a essa palavra.

O composto “homossexual”, por sua vez, começou a ter relevância cultural devido aos direitos que os homossexuais vêm adquirindo na última década, haja vista que a *homofobia* é agora vista como crime perante a lei. A noção de gramaticalização tem relação direta com a noção de que as gramáticas fornecem os mecanismos de codificação mais econômicos para aquelas funções da linguagem que os falantes mais frequentemente precisam cumprir. A motivação para a gramaticalização, por outro lado, está tanto nas necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes, como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas, devendo observar-se, ainda, que nas novas formas gramaticais podem desenvolver-se a despeito da existência de estruturas velhas funcionalmente equivalentes. Assim, estes afixoides vêm, na atualidade, cumprir com as funções que seus radicais anteriores não conseguiam cumprir, pois os conteúdos cognitivos de suas formas etimológicas não conseguiram suprir as necessidades comunicativas atuais. Assim, os afixoides estudados, em uma espécie de metonímia, compactaram o significado de todo o composto-gatilho em sua primeira parte – nos afixoides – e a partir de então, começaram a formar novas palavras na língua. Devemos entender que o que ocorreu é que a “parte substituiu o todo”, ou seja, “a parte representa o todo”, uma vez que *eco-* e *homo-* representam, em significação, o sentido de todo o composto-gatilho original: “ecologia” e “homossexual” respectivamente. O que ocorre com esta mudança de sentido é o que Hopper chama de *especialização*: os afixoides *eco-* e *homo-* passaram por uma especialização de significado, não acusando mais o sentido etimológico, e sim o relevante pragmaticamente; houve um estreitamento de opções, já que estes afixoides começaram a ocupar mais espaço que suas velhas estruturas – os radicais neoclássicos não gramaticalizados.

A mudança morfológica se evidencia nestes afixoides, porque estes ocupam mais espaço que os seus respectivos radicais, e o ocupam justamente por estarem gramaticalizados. Sendo assim, a frequência de uso de *eco-* e *homo-* com o novo significado é relativamente maior atualmente do que a frequência de uso com significado etimológico. Esse aumento na frequência de uso acaba remetendo a dois dos princípios de Lehmann; a *obrigatoriedade* e a *fixação*. Os recompostos *eco-* e *homo-* têm sido tão frequentes que estão se tornando gradativamente obrigatórios e sua ordem já é, hoje, fixa. *Eco-* e *homo-* estão fixos na margem esquerda das palavras, funcionando como modificadores do recomposto e estabelecendo um padrão morfológico: a posição da cabeça lexical é DT-DM (determinante-determinado). Mas esse aumento na frequência de uso não

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

elimina as estruturas antigas, pois *eco-* e *homo-*, com seus respectivos significados etimológicos, ainda são usados atualmente: *eco-* em nomes compostos científicos referentes à biologia e *homo-*, em compostos relativos à química/biologia. Vamos exemplificar usando o dicionário etimológico de Cunha (2010):

- a) *Economia*: “a arte de bem administrar uma casa”
- b) *Ecologia*: “estudo das relações entre os seres vivos e o meio onde vivem”.
- c) *Homossexual*: “indivíduo que tem preferência sexual por pessoa do mesmo sexo”.

Podemos, agora, exemplificar com dados da nova camada que surgiu, a dos itens recompostos:

- a) *ecocidade*: cidade ecológica
- b) *ecotelhado*: telhado verde
- c) *ecodicas*: espaço de troca de informações sobre ecologia e reciclagem
- d) *homoperseguidor*: aquele que persegue gays.
- e) *Homoassinante*: gay que assina revistas masculinas.
- f) *Homoatleta*: atleta gay.

Aqui verificamos o que Hopper denominou como princípio da *estratificação*: surgiu uma nova camada, com um significado novo, mas esta não eliminou a estrutura etimológica; ambas coexistem atualmente. Nossos afixoides eram, outrora, radicais neoclássicos, que estão se comportando funcionalmente como afixos, ou melhor, como prefixos, uma vez que estes se fixaram na borda esquerda das novas formações, o que nos remete novamente a Hopper: o que o autor chama de princípio de *descategorização*: é o que parece ocorrer com os afixoides em questão, já que estes estão passando de radicais neoclássicos a afixos, isto é estão se transportando da categoria *radical* para a categoria *AFIXO*.

Assim, o que ocorre no processo de recomposição, mais especificamente, nos afixoides *eco-* e *homo-*, é (**RADICAL NEOCLÁSSICO**) > (**AFIXOIDE**) > (**AFIXO: PREFIXO**).

Acreditamos que a recategorização ocorreu nestes afixoides devido ao mecanismo “aumento de frequência de uso”, pois tais formativos

aumentaram sua frequência de uso em função da alta relevância cultural que a ecologia e o homossexualismo vêm adquirindo nas duas últimas décadas.

Acreditamos, também, que os afixoides estudados estão passando pelo processo que Castilho denomina *reanálise*. A reanálise permite a criação de novas formas gramaticais, à medida que, gradualmente, altera as fronteiras de constituintes em uma expressão levando a forma a ser re-analisada como pertencente a uma categoria diferente da categoria original. Langacker define o mecanismo de reanálise como uma “mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca em sua manifestação de superfície”. (LANGACKER, *apud* GONÇALVES *et alii*, 2007). Para Gonçalves *et alii* (*op. cit.*), os processos metonímicos e a reanálise encontram-se diretamente relacionados, porque a abdução leva à reanálise, que modifica representações subjacentes, sem que haja alterações na estrutura superficial, sejam estas sintáticas ou morfológicas, e leva a mudança de regras. Um dos principais tipos de reanálise presentes na gramaticalização é a eliminação de fronteiras entre duas ou mais formas morfológicas no processo de desenvolvimento de novas categorias gramaticais. Assim, outrora, tínhamos as categorias *radical* e *afixo*, e atualmente, por causa da eliminação de fronteiras morfológicas, e também por causa da reanálise, temos uma nova categoria morfológica: AFIKOIDE. Podemos representar em um *continuum* morfológico:

[RADICAL] > [AFIKOIDE] > [AFIXO].

Heine e Reh (*apud* NEVES, 1997, p. 121) mostram que os três níveis da estrutura linguística afetados pela gramaticalização – o funcional, o morfossintático e o fonético – em geral se arranjam na gramaticalização nessa mesma ordem cronológica: os processos funcionais (como dessemantização, expansão, simplificação) precedem os morfossintáticos (como permutação, composição, cliticização, afixação), que precedem os fonéticos (como adaptação, fusão e perda). Assim, as alterações em um nível acompanham as alterações em outros. Como bem afirmam Heine e Reh, *eco-* e *homo-* começaram o processo de gramaticalização pelas mudanças semânticas (alteração de sentido, especialização e metonímia), logo após passaram as mudanças morfológicas (morfologização, reanálise, descategorização...) restando somente às fonológicas que, se estão ocorrendo, serão explicitadas em artigos posteriores.

Lichtenberk (*apud* NEVES, 1997) aponta três consequências prototípicas decorrentes do processo histórico da gramaticalização:

- a) Emergência de uma nova categoria gramatical;
- b) Perda de uma categoria existente;
- c) Mudança no conjunto de membros que pertencem a uma categoria gramatical.

Esses três tipos são historicamente ligados: quando elementos linguísticos adquirem novas propriedades, eles se tornam membros de novas categorias, isto é, ocorre uma reanálise categorial; essa reanálise é, necessariamente, abrupta, já que um mesmo elemento não pode ser simultaneamente membro de duas categorias gramaticais distintas, embora diferentes ocorrências de um morfema possam exibir propriedades características de diferentes categorias, ou seja, propriedades da categoria velha e propriedades da categoria nova. Por outro lado, uma forma que exibe, por exemplo, propriedades de uma categoria lexical podem começar a perder essas propriedades, não simultaneamente, mas uma após a outra: a forma nova não expulsa a velha imediatamente, mas começa a ser usada como variante cada vez mais frequente, até a completa substituição da forma velha. Assim, observamos que as consequências apontadas por Lichtenberk se aplicam aos nossos afixoides, pois: a) surgiu uma nova categoria gramatical: *afixoides*; mas, b) ainda não perdemos a categoria que já existia, a dos *radicais*, pois estes ainda existem e são usados com relativa frequência e c) houve, sim, uma mudança no conjunto de membros, já que *eco-* e *homo-* mudaram de categoria gramatical.

## 5. *Palavras finais*

Vimos que o processo de recomposição é bastante produtivo no atual estágio da língua e seleciona como formativos para figurar à esquerda o que chamamos de afixoides. Acreditamos que o *afixoide* é uma nova classe de formativos e que essa nova classe surgiu por necessidades semântico-pragmáticas. Percebemos, também, que as categorias morfológicas não têm fronteiras claramente definidas e podem mudar. Constatamos que os radicais neoclássicos (*eco-* e *homo-*) passaram por mudanças significativas, de cunho morfológico e semântico, fazendo com que estes formativos passassem de radicais neoclássicos a uma nova categoria, a dos afixoides justamente por estarem passando pelo processo de gramaticalização.

Há, ainda, muito a ser estudado tanto no processo de recomposição como no processo de gramaticalização, mas como observamos neste artigo, os afixoides que fazem parte da recomposição, seguramente, estão passando pelo processo de gramaticalização, mesmo que esta mudança seja ainda incipiente. Como havíamos afirmado acima, este artigo é uma análise inicial do assunto que será aprofundando em trabalhos posteriores.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. et al. (Eds.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 97-108.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CORBIN, D. French (indo-european: romance). In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (Eds.). *Encyclopédie Internationale de Morphologie*, Article 121. Berlin: Walter de Gruyter, 2000.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Vanessa P. *A conjunção subordinativa quando na perspectiva funcional discursiva*. 2008. – Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras/UFRJ, Rio de Janeiro.

GONÇALVES, C. A. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? pequeno estudo de casos. *Domínios de Linguagem*, 5, p. 62-89, 2011a.

\_\_\_\_\_. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 9, n. 5, p. 6-39, 2011b.

\_\_\_\_\_. *et alii*. *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

HOUAISS. *Dicionário digital da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

KASTOVSKY, Dieter. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: MCCONCHIE, R. W. et al. (Eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, p. 1-13.

NARO, A. J.; BRAGA, M. L. A interface sociolinguística/ gramaticalização. *Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 125-134, 2000.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, P. A.; GONCALVES, C. A. O processo de recomposição e os formativos *eco-* e *homo-* no português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 171-184, 2011.

TEN HACKEN, Pius. *Defining Morphology: a principled approach to determining the boundaries of compounding, derivation, and inflection*. Hildesheim: Olms, 1994.